



O LIBERALISMO ANGLICANO*

Rev. Carlos Eduardo Calvani

Introdução

Rótulos são perigosos. Eles funcionam como camisas-de-força ou armaduras que nos aprisionam numa posição, impedindo muitas vezes a liberdade de desviar-se daquelas linhas previamente definidas na rotulação. A história da teologia em nossa Comunhão Anglicana está marcada por pelo menos três grandes rótulos que definem certos posicionamentos teológicos. Costuma-se dizer que há anglicanos “evangélicos”, “anglo-católicos” e “liberais”. O grande problema da rotulação é que a ela se seguem determinados discursos explicativos de cada uma dessas tendências, e tais discursos na maioria das vezes, além de ingênuos e pouco claros, estão recheados de preconceitos.

1. High Church, Low Church and Broad Church

Exemplos dessas idéias pré-concebidas são a de que os “evangélicos” desprezam a liturgia e o *Livro de Oração Comum*, enquanto os “anglo-católicos” desvalorizam a missão e a evangelização juntamente com os “liberais” que, para piorar sua situação, são acusados como teólogos pouco bíblicos. Na esteira desses preconceitos seguem-se confusões e mal-entendidos que apenas reforçam certas ideologias e justificam restrições a pessoas identificadas com uma dessas tendências. Nesse caso, sobram informações de fontes duvidosas e faltam estudos históricos mais precisos.

Na verdade, Wesley e os evangélicos de seu tempo valorizaram extremamente a liturgia. Wesley preparou para os evangelistas metodistas nas colônias uma pequena liturgia adaptada do LOC, onde fez a seguinte observação: “Recomendo também aos presbíteros que administrem a Ceia do Senhor todos os domingos”.¹ No Prefácio a essa liturgia, Wesley presta uma homenagem ao LOC, dizendo:

* Artigo publicado originalmente na *Revista Teológica Londrinense*, n. 1. (ISSN: 1519-9630) Londrina, UniFil/STAGS, 2001, pp. 55-66.

¹ THOMPSON, Bard. *Liturgies of the Western Church*. The World Publishing Company, Cleveland and New York, 1962, pg. 416.



Não creio que exista no mundo uma liturgia, quer em língua antiga quer em língua moderna, que transpire uma piedade mais sólida, bíblica e racional do que a Oração Comum da Igreja da Inglaterra. Ainda que na maior parte tenha sido compilada há mais de cem anos, sua linguagem é, não somente pura, mas clara e elegante no mais elevado grau.²

Por sua vez, os anglo-católicos que lideraram o Movimento de Oxford não estavam preocupados apenas com o reforço de tradições medievais de autoridade, mas foram motivados também por uma busca sincera de retidão e santidade na vida pessoal.³ Os liberais, por sua vez, saudaram o método histórico-crítico não para questionar a autoridade da Bíblia, mas para conhecê-la melhor e perceber na riqueza do mundo bíblico e de seu vocabulário, o poder misterioso da Revelação divina.

O que diferencia esses grupos é apenas um posicionamento inicial em seu relacionamento com a Igreja, as fontes de autoridade teológicas e a cultura. Trata-se, no fundo, de ênfases diferentes. “Evangélicos” começaram a dar sinais de vida na Inglaterra já na época das reformas religiosas na Europa continental e tentaram transportá-la para a Igreja da Inglaterra. Na época do trágico reinado de Maria, muitos evangélicos foram exilados e encontraram refúgio em regiões onde as idéias de Calvino a respeito de teologia, governo eclesiástico e disciplina pessoal se impunham com força e vigor. Quando a maioria desses retornou para a Inglaterra, passaram a ser identificados ali como “puritanos” por seu desejo de “purificar” a Igreja. Ali muitos foram perseguidos, aprisionados e até mesmo martirizados. Quando tomaram o poder na Revolução liderada por Cromwell, os puritanos se comportaram com a mesma violência em relação aos defensores do sistema anglicano. Líderes puritanos perseguiram e aprisionaram bispos e também mataram, em nome da pureza da fé, os principais líderes e defensores da Igreja da Inglaterra.

Infelizmente era assim que funcionavam as coisas na época. A religião era tão importante e determinante para a vida pessoal, social e política, que em muitos casos chegava a ser questão mesmo de vida ou morte. O governo puritano, com o tempo tornou-se impopular e a maioria da população apoiou a restauração da monarquia. Com isso muitos puritanos deixaram a Igreja da Inglaterra, passando a reunir-se separadamente e dando origem às igrejas congregacionais e batistas. Outros embarcaram no *Mayflower* em direção às colônias para uma nova aventura - o sonho americano. Boa parte, porém, permaneceu ao mesmo tempo fiel à Igreja da Inglaterra e também a certos princípios evangélicos derivados da teologia de Calvino, principalmente. A esses princípios, mais tarde, foram acrescentadas determinadas ênfases provenientes do pietismo alemão e dos moravianos. Desde então, a corrente evangélica - conhecida como *Low Church* - tem sido bastante forte não apenas na Igreja da Inglaterra mas também nas demais igrejas que compõem a Comunhão

² Citado por HAHN, Carl Joseph. *História do Culto Protestante no Brasil*. São Paulo, ASTE, 1989, p. 122.

³ Owen Chadwick, *The Mind of the Oxford Movement*, Londres: Adam & Charles Black, 1960, p. 55



Anglicana espalhada pelo mundo, recebendo influências dos reavivamentos norte-americanos, do movimento missionário do século XIX mas também do movimento fundamentalista norte-americano.

O grupo tradicionalmente conhecido como "anglo-católicos" ou *High Church* também existe na Igreja da Inglaterra desde que essa se separou de Roma. Foi o grupo que apoiou e sustentou teologicamente a autonomia anglicana em relação à Igreja de Roma. Para muitos deles, a reforma inglesa era muito mais administrativa que propriamente doutrinária. Viam no puritanismo o risco da quebra de continuidade com a Igreja antiga e a reinvenção de uma "nova Igreja". Na visão deles, a aniquilação do ministério episcopal, da sucessão apostólica e dos Credos antigos representava um golpe mortal à continuidade com o passado. Não foi apenas por razões políticas e para continuar se beneficiando da condição de Igreja Estatal que eles se opuseram aos puritanos; foi principalmente por razões de fé e doutrina. Por isso muitos também aceitaram o martírio.

Deve ficar claro, portanto, que o Movimento de Oxford não representa o marco inicial do anglo-catolicismo, pois esse movimento sempre existiu na Igreja da Inglaterra. O Movimento de Oxford representou, isso sim, uma renovação, um novo ânimo e novo impulso ao anglo-catolicismo. A força e importância desse movimento é visível hoje na Comunhão Anglicana em diversos aspectos, especialmente a renovação litúrgica, a preocupação com a qualidade da arte sacra, os estudos históricos (especialmente com relação à concepção de ministério), o apoio a formas de espiritualidade monástica (ordens religiosas anglicanas), a missão e a educação teológica. A meu ver, seu ponto mais negativo reside no fato de que, para alguns anglo-católicos, a Igreja de Roma ainda é um fortíssimo ponto de referência e orientação. Não é à toa que alguns líderes expoentes do Movimento de Oxford acabaram transferindo-se para a Igreja Romana e até hoje alguns ainda o façam por diversas razões. Quando a Igreja da Inglaterra aprovou a ordenação feminina, por exemplo, muitos anglo-católicos descontentes se transferiram para a Igreja Romana. Isso reforça um comentário jocoso que às vezes se escuta nos círculos ecumênicos: "Quando Roma espirra, sabe-se que logo os anglicanos vão ficar gripados".

Há um terceiro grupo que encontra dificuldades em situar-se entre as fronteiras evangélicas ou anglo-católicas. Ao menos na Inglaterra, esse grupo é conhecido como *Broad Church*, "Igreja larga" ou "Igreja ampla". O termo foi cunhado por A. P. Stanley (1815-1881), deão da Abadia de Westminster em 1864 e pretendia designar, inicialmente, o grupo que não conseguia se enquadrar claramente na condição de "evangélico" ou de "anglo-católico" e que buscava uma espécie de "via-média interna". Mas aqui necessitamos de um novo esclarecimento: não se deve associar apressadamente o termo *Broad Church* com a corrente liberal no anglicanismo. Os três grupos - *High*, *Low* and *Broad Church* - são mais adequados para identificar certos posicionamentos em relação à liturgia e eclesiologia. Trata-se de posições tomadas na política interna do anglicanismo. Evidentemente tais posições são determinadas por pressupostos teológicos. A corrente liberal no anglicanismo,



entretanto, é fluída e pode ser encontrada simultaneamente entre os três grupos, embora com maior presença na *Broad Church*.

O que caracteriza a corrente liberal no anglicanismo é uma metodologia própria que leva em conta o método histórico-crítico aplicado à Bíblia, à história da Igreja e dos dogmas e reconhece com seriedade o papel da cultura e de outros fatores em questões pastorais, evangelísticas, litúrgicas e éticas. Assim, podemos encontrar liberais oriundos da tradição evangélica, anglo-católica e *Broad Church*, e que continuam identificados com suas tradições de origem por laços de fé e afeição. A corrente liberal anglicana não pretende - e nunca pretendeu - criar um partido interno. Não existe no anglicanismo uma "*Liberal Church*", tal como existem *High*, *Low* e *Broad Church*. Nas três correntes encontraremos teólogos(as), clérigos (as) e leigos(as) teologicamente liberais. Além disso, o liberalismo é um posicionamento teológico e não propriamente eclesiástico ou denominacional. Nesse sentido, os liberais anglicanos identificam-se com teólogos e teólogas liberais de outras denominações cristãs.

2. Influências históricas e correções de rota

Em termos históricos, é anacronismo falar em "liberalismo teológico" antes do século XIX. Pode-se, porém, identificar uma certa "atitude liberal" antes do século XIX, manifestada por certas ênfases teológicas. O liberalismo teológico é fruto tardio da modernidade e de seus desdobramentos. Isso significa que o questionamento da modernidade em nossos tempos pós-modernos também implica num questionamento do próprio liberalismo teológico e isso exige um esforço muito grande de auto-crítica, reconhecimento de falhas e adaptação às novas situações. Um teólogo liberal deve ser crítico, mas também auto-crítico e, de fato, algumas características da modernidade que influenciaram o liberalismo teológico em seu nascedouro já foram ou estão sendo corrigidas internamente.

Uma dessas características é o peso conferido à razão e a própria definição de razão. Nos séculos XVII a XIX, a "atitude" liberal oscilou entre acompanhar o racionalismo cartesiano e a crítica kantiana da Razão. Na época, o conceito de razão ainda era determinado pelo solipsismo cartesiano - refúgio na interioridade, na "mente" - desprezo pelas experiências corporais e sensitivas e reconhecimento de veracidade apenas daquilo que pudesse ser provado "racionalmente" ou cientificamente. A crítica kantiana mais tarde desfez esse edifício cartesiano. Kant decretando a incapacidade racional de discursar com precisão a respeito de assuntos metafísicos (Deus, a alma ou o cosmos infinito). Aos poucos a ética passou a ser mais determinante que a razão em assuntos religiosos. Porém, antes disso acontecer, o racionalismo já havia influenciado o anglicanismo através do deísmo. Não há tempo suficiente agora para expor os princípios do deísmo. Superficialmente falando, o deísmo era um movimento religioso (não eram ateus) que dava primazia total à razão



em relação à fé ou à tradição. A razão deveria ser o árbitro final dos assuntos religiosos e na determinação das verdades de fé. Isso influenciou o liberalismo? Devemos admitir que sim. Hoje, porém, dificilmente se encontra um teólogo liberal que afirme tal primazia. O liberalismo não tem medo de se auto-criticar e de se auto-corriger. Uma das acusações desferidas contra o liberalismo - a de que damos mais peso à Razão que à fé ou que às Escrituras - é indevida e falaciosa. Atualmente, o próprio conceito de razão no anglicanismo tem sido revisto e ampliado. Inclui ainda as faculdades de raciocínio, mas vai muito além disso. O conceito de razão hoje, abrange a estética, o valor dos símbolos, o bom-senso e o reconhecimento da diversidade cultural e das razões locais. Isso tem sido constantemente reafirmado nas últimas Conferências de Lambeth

Outra correção na rota do liberalismo teológico foi o excessivo otimismo inicial para com o progresso científico. Acreditava-se que a ciência, baseada na razão e na experiência, explicaria e dispensaria os relatos de milagres na Bíblia, bem como os mistérios (tidos como "ainda não explicados racionalmente, mas potencialmente explicáveis") que povoam o mundo. Alguns liberais, por conta disso, apoiaram o evolucionismo de Darwin, mas sem a devida preocupação de inseri-lo na perspectiva da fé e acabaram entrando em controvérsias desnecessárias e improdutivas. Muitos apenas "ouviram falar" no evolucionismo, mas nunca o compreenderam muito bem, e chegaram mesmo a defender que o homem é descendente do macaco, algo que Darwin nunca afirmou.⁴ Na época, houve reações inflamadas da parte de anglo-católicos e de evangélicos contra os liberais. Atualmente essas são águas passadas. Muitos evangélicos e anglo-católicos não têm problema algum em conciliar a perspectiva da fé e da criação com o evolucionismo

Porém, o otimismo liberal para com os resultados da ciência recebeu fortes abalos no decorrer dos últimos duzentos anos. A revolução industrial promoveu miséria e injustiça social - e muitos liberais se aliaram a movimentos socialistas na tentativa de minimizar os efeitos nocivos de mudanças sociais tão bruscas e sem uma devida preocupação para com os seres humanos envolvidos; o progresso científico também levou a um maior refinamento bélico, a duas guerras mundiais e à destruição da natureza. Em suma, a ciência e a razão não promoveram a salvação da humanidade ou o Reino de Deus na terra; ao contrário, afundaram ainda mais o ser humano e a sociedade no pecado e multiplicaram sofrimento na natureza e nas classes economicamente menos favorecidas.

Atualmente, a maioria dos liberais também já corrigiu esse otimismo científico. Muitos se engajaram em movimentos sociais, ecológicos, pacifistas e demonstram

⁴ O que o evolucionismo darwiniano defende e ensina é a existência de um "ancestral comum" ao homem e ao macaco, e que esse ancestral comum ("o elo perdido") teria características símias e homínidas. Diga-se de passagem que até hoje essa teoria não foi refutada cientificamente; ao contrário, uma das linhas de pesquisa do Projeto Genoma pretende mapear o DNA dos fósseis símios e homínidas mais antigos para determinar com precisão esse ancestral comum.



grande preocupação ética para com novas pesquisas científicas. E curiosamente, muitos conservadores não percebem que, embora continuemos aceitando os princípios evolucionistas, manifestamos ao mesmo tempo um grande interesse pela ecologia, natureza e integridade da Criação. No século XX, por exemplo, os grandes estudos e progressos na Teologia da Criação e na dimensão ecológica da missão foram impulsionados por “liberais” de várias denominações, como o católico Teilhard de Chardin, o reformado Jurgen Moltmann e outros. A constante preocupação de relacionar ciência e fé, tomando ambas com seriedade e honestidade é uma das marcas da teologia liberal.

3. Esclarecendo equívocos

Já observamos anteriormente que devido às controvérsias históricas, ainda pesa sobre as diversas correntes anglicanas uma série de preconceitos injustificados que precisam ser desfeitos. Ao mesmo tempo em que ressaltamos que os evangélicos se preocupam sim com a liturgia, a eucaristia e a cultura, e que os anglo-católicos preservam grande interesse pela pastoral, espiritualidade e missão, deve se afirmar que há também muitas acusações indevidas contra o liberalismo teológico. A maioria dessas acusações não resiste a uma avaliação mais acurada. Os teólogos liberais não pretendem, como afirmam alguns de nossos críticos, invalidar a autoridade bíblica, destruir a Igreja ou relativizar a mensagem de Cristo. Novamente, afirmamos que trata-se de diferentes pontos-de-vista em relação a temas polêmicos. A meu ver, esses temas podem ser reduzidos a três áreas: a autoridade bíblica e sua relação com a Tradição e a Razão; o testemunho evangelístico e missionário da Igreja e sua relação com a cultura e a salvação humana; e a espiritualidade pessoal e comunitária.

a) O lugar da Bíblia, da Tradição e da Razão

O liberalismo trata a Bíblia com muita seriedade. Quando o método histórico-crítico começou a ser aplicado à exegese bíblica houve muita polêmica, pois a maioria das pessoas estava acostumada a uma hermenêutica literal dos textos sagrados. Na época, evangélicos e anglo-católicos se aliaram para denunciar as supostas perniciosidades do liberalismo. Hoje, porém, muitos evangélicos e anglo-católicos se beneficiam dos estudos exegéticos e históricos da Bíblia promovidos pelos liberais. Inegavelmente, as grandes produções exegéticas contemporâneas e os estudos históricos e sociológicos do Antigo e Novo Testamento sempre surgem primeiro em círculos liberais. Se fosse verdade que o liberalismo despreza a Bíblia, não haveria tanto interesse em pesquisas visando elucidar as origens históricas, a teologia presente nas diferentes formas literárias e estilos redacionais dos textos escriturísticos, levando em conta o contexto sócio-cultural da época de seu surgimento. Ao contrário do que se diz, o liberalismo preserva sim a autoridade e a primazia da Bíblia na determinação das verdades de fé. A diferença está no fato de



que, para os liberais, o conhecimento bíblico ainda não está esgotado, como parece estar na fechada hermenêutica conservadora.

Por outro lado, o liberalismo não estabelece uma distinção tão rígida entre Bíblia e Tradição. Na teologia católica (e anglo-católica), a Tradição aparece como a continuidade natural da Bíblia, complementando-a. Na perspectiva evangélica, a Bíblia, de certo modo, dispensa a Tradição. No liberalismo tal diferenciação não é assim tão simples. Uma supõe a outra. Antigo e Novo Testamento são compilações de diversas tradições. Isso não significa que rejeitemos o caráter sagrado desses textos, mas apenas que evitamos tratar desse assunto nos mesmos termos que a teologia conservadora o faz. Conceitos de "inspiração plenária", "inerrância" e "infallibilidade" são expressões inadequadas e não estamos interessados em discuti-las. É preferível falar em "autoridade dinâmica" derivada da experiência pessoal e comunitária do povo de Deus com a Revelação. Não interessa ao liberalismo discutir a inspiração "pessoal" ou a infalibilidade de um autor bíblico particular, pois o método histórico-crítico tem demonstrado que, no caso de textos bíblicos, nunca há "um" autor particular. É desse individualismo que se foge. A autoria dos textos bíblicos é comunitária, feita a várias mãos, tecida por várias experiências, às vezes conflitantes. Esses conflitos ou tendências diferentes são nitidamente observáveis quando fazemos uso da Crítica das Formas ou da História da Redação e de outros métodos mais recentes, e tornam-se ainda mais evidentes quando estudamos historicamente o processo de delimitação do cânon sagrado. O que esse estudo nos revela é que o cânon sagrado é resultado de uma feliz combinação entre a ação do Espírito e o peso das tradições envolvidas. Coube à Igreja, à comunidade, ao povo de Deus, reconhecer quais dentre os inúmeros textos à disposição (muitos evangelhos, dezenas de cartas de 'autoria apostólica' e outros tantos relatos e narrativas de atos dos apóstolos) eram, de fato, expressões da fé católica e veículos de comunicação da Palavra de Deus. Portanto, Bíblia e Tradição andam juntas. Os textos bíblicos formaram a Tradição e essa, por sua vez, delimitou e selecionou os mesmos. A Escritura já, em si, "Tradição", o primeiro grande compêndio teológico, reunindo uma tradição viva, dinâmica, repleta de conteúdo, significado e de uma inesgotável reserva de sentido espiritual para todas as gerações.

O que dificulta, às vezes, o diálogo com teólogos mais conservadores, são questões bem mais prévias. Ao liberalismo não interessa mais ficar eternamente respondendo aos que insistem na autoria mosaica do Pentateuco, na interpretação literal do Gênesis e de outros textos bíblicos ou na defesa intransigente da autoria paulina de todas as cartas que levam o nome do apóstolo. Dentro da tradição liberal, tais questões já foram superadas e não levaram nenhum exegeta a apostatar da fé cristã. Atualmente, no campo dos estudos bíblicos, o liberalismo tem dado muita atenção às mediações da razão (cultura), dos símbolos e da cosmovisão do mundo bíblico para compreender como esses fatores influenciaram o registro escrito dos textos sagrados. A isso se liga naturalmente toda a questão da hermenêutica. Não me parece que a seriedade e profundidade desses empreendimentos sejam condizentes com as acusações de "desrespeito ao texto bíblico" desferidas pelos conservadores contra os exegetas liberais.



b) Evangelização, Missão e Salvação na perspectiva da Encarnação

O liberalismo acredita - e muito - na missão, na evangelização e na necessidade do anúncio da Salvação em Cristo⁵. Ao contrário do que dizem os grupos mais conservadores, há muitos liberais envolvidos na missão e na evangelização. A questão, novamente, é de definição dessas expressões. Muitas sociedades missionárias foram - e ainda são - sustentadas e apoiadas em oração, recursos humanos e financeiros por grupos liberais (pessoas, paróquias, dioceses, etc.). A missiologia, porém, está intimamente ligada à doutrina da Encarnação.

A doutrina da Encarnação desempenhou importantíssimo papel no anglicanismo no passado e continua a estimular, questionar e dinamizar pessoas e comunidades no presente. A Encarnação do Verbo foi determinante para a teologia de Frederick Robertson, Frederick Danison Maurice, de alguns expoentes do Movimento de Oxford e do bispo John A. T. Robinson, no século XX. Trata-se, fundamentalmente, de compreender, articular e viver as declarações de fé - "Deus estava em Cristo", "e o Verbo se fez carne e habitou entre nós..." De que modo o anglicanismo relaciona Encarnação e Missão?

A *Missio Dei* acontece de várias maneiras, mas a maneira privilegiada pelo próprio Deus foi a Encarnação. Por isso, a missão, a evangelização e o testemunho do Reino e da Soberania de Deus em Cristo não podem ser realizados de outro modo senão esse. Portanto, a missão se reveste de diversas formas - evangelização pessoal, testemunho e proclamação, mas também o testemunho e partilha através de obras sociais, educacionais e apoio a movimentos que promovam os direitos humanos, ajudem a restaurar e elevar a dignidade dessa família humana acolhida pelo Verbo divino em sua encarnação. Reconhecemos que, de fato, esses empreendimentos missionários nem sempre resultam em "crescimento explosivo" da Igreja e que há necessidade de pessoas que, com dons evangelísticos, consigam atrair pessoas a Cristo e filiá-las ao seu corpo místico que é a Igreja. Sem dúvida, os grupos liberais precisam valorizar mais essa dimensão e aprender a dominar melhor as técnicas e o *know-how* da evangelização que visa tais resultados. O mais importante, porém, é que todos esses empreendimentos missionários sejam feitos com a motivação bíblica de serem sinais do Reino, realizados para a Glória de Deus Pai, em nome do Deus Filho encarnado e no poder do Espírito Santo.

Alguns anglicanos evangélicos gostariam que os liberais enfatizassem mais a salvação e a conversão, compreendidas de acordo com a lógica wesleyana e pietista, ou seja, levando o(a) ouvinte a um confronto com o Evangelho, crise emocional,

⁵ Sobre isso ver John SAXBEE. *Liberal evangelism – a flexible response to the decade*. London, SPCK, 1994.



arrependimento e aceitação da mensagem anunciada. Porém, na visão liberal, essa é apenas uma dimensão da soteriologia, uma "porta-de-entrada" do mistério da salvação. A grande questão é que, na tradição evangélica, a salvação é vista por uma ótica mais subjetiva, enquanto na tradição liberal - e em parte na anglo-católica -, a soteriologia é mais objetiva. A salvação não depende de nossos estados emocionais, mas da aceitação pela fé do fato objetivo de que "Deus estava em Cristo reconciliando o mundo consigo mesmo".

O conceito de "porta-de-entrada" é oriundo de uma Conferência Missionária promovida em Bangcoc (1973) pelo Conselho Mundial de Igrejas em 1973. Os missiólogos ali reunidos concluíram que há várias "portas-de-entrada" para a atualização do mistério da salvação em culturas e pessoas. Essas portas-de-entrada podem ser as missões sociais ou educacionais, o testemunho em favor da justiça, a luta pelos direitos humanos ao lado dos pobres, a transformação das estruturas injustas da sociedade, a celebração litúrgica da Glória de Deus e também a proclamação que leva a uma experiência de "crise, arrependimento e conversão". Nenhuma dessas portas é "a" única e principal, pois todas são opções possíveis que devem ser priorizadas de acordo com os contextos missionários. De fato, em muitos casos, principalmente na sociedade ocidental urbana, a "conversão" tem sido a porta-de-entrada para muitas pessoas se reconciliarem com Deus. Ninguém nega isso. A história da Igreja está cheia de relatos de pessoas "nascidas-de-novo". Porém, em certos contextos missionários, as prioridades são outras. É preciso bom senso e discernimento para priorizar a porta-de-entrada mais eficaz sem esquecer as demais.

Talvez o maior problema resida no fato de que a tradição evangélica situa a palavra "conversão" no contexto da soteriologia. É uma opção bíblica e teológica possível, mas não é a única, como insistem os evangélicos. A opção liberal fala em conversão sim, mas a situa no contexto da santificação. "Convertei-vos dos vossos maus caminhos" é um apelo bíblico constantemente dirigido àqueles que já são membros do povo de Deus. A teologia expressa em nosso *Livro de Oração Comum*, também situa a palavra "conversão" no contexto da santificação (arrependimento e penitência), especialmente nas sentenças de absolvição (LOC pgs. 29, 57) e a palavra "novo nascimento" no contexto do batismo (LOC pg. 66 - Intercessão). Esse processo de conversão diária não é nada fácil, pois exige arrependimento, contrição, reconhecimento de erros e luta com a velha natureza para, com o auxílio e poder do Espírito Santo, trilharmos um caminho que nos conduza à imagem e semelhança do Cristo encarnado. Essa questão nos leva a uma última consideração:

c) Espiritualidade

Nada mais triste do que constatar que muitos de nossos irmãos duvidam que um liberal possa ter uma experiência viva e intensa de oração, contemplação e santificação. Essa experiência é prioritariamente comunitária. Ou seja, é alimentada pela vida comunitária, pela adoração compartilhada com outras pessoas, pelo reconhecimento do poder da liturgia que nos une a Deus, ao próximo e às gerações



passadas. Essa experiência comunitária deve motivar, inspirar e dinamizar a espiritualidade particular, e os modos dessa variam de pessoa para pessoa. Os liberais incentivam a espiritualidade pessoal, mas evitam eleger uma técnica ou modalidade como a melhor. O conhecimento do passado, o estudo da história de Israel e da Igreja nos levou a esse entendimento: há diversas formas de cultivar a espiritualidade pessoal: a leitura orante dos salmos, a meditação nos mesmos, as orações silenciosas de adoração, súplica, louvor e intercessão, o cântico de salmos e hinos, a leitura de orações antigas (cristãs e não-cristãs), a tentativa de seguir o exemplo dos grandes místicos e místicas na vida espiritual e prática, a recitação e cultivo da espiritualidade através da poesia e boa música, ainda que sejam poesias e músicas não compostas com intenções explícita e conscientemente cristãs.

Novamente, o que sustenta essa apreciação positiva das artes, da poesia e da música, é a doutrina da Encarnação. Essa atitude não é nova no anglicanismo. Sempre houve na tradição anglicana extrema preocupação com a poesia e o poder das palavras. Os tradutores da Bíblia na Versão *King James* foram extremamente cuidadosos na escolha das palavras, na cadência e ritmo da poesia bíblica. O mesmo aconteceu com o *Livro de Oração Comum*, a ponto de esses textos serem reconhecidos não apenas como marcos referenciais da produção religiosa cristã, mas também como marcos da produção artística da poesia e literatura ocidentais, por sua qualidade poética e sua linguagem revestida, ao mesmo tempo de elegância e reverência pelo Sagrado.

Frederick Robertson (1816-1853), teólogo e pregador anglicano de origem evangélica, foi um dos primeiros a preocupar-se com a articulação entre a encarnação e as produções culturais, especialmente a poesia. A encarnação do Verbo significa, entre outras coisas, o reconhecimento da dignidade humana e de sua capacidade de penetração no mistério divino e comunicação do mesmo. O Verbo eterno, ao encarnar-se, fez uso de palavras, linguagem, símbolos e gestos culturais, muito humanos, para comunicar o mistério da salvação e da luz que ilumina toda pessoa humana.

Conclusão

O liberalismo teológico se diferencia das demais tendências na Comunhão Anglicana por ser fluído e sem fronteiras muito delimitadas. Por isso não haja uma organização internacional como a EFAC (Fraternidade Evangélica na Comunhão Anglicana) nem grandes encontros internacionais ou redes de contato visando tomar o poder em certas dioceses ou seminários. Os liberais encontram-se espalhados em diversos seminários, exceto naqueles que, por opção conservadora e intolerante impedem o exercício de seu ministério de docência teológica. Há quem evite esse rótulo e, além disso, é difícil identificá-los porque alguns liberais sentem-se mais à vontade em círculos evangélicos, enquanto outros são mais acolhidos em círculos



anglo-católicos. Nesse sentido, é possível ser, ao mesmo tempo, evangélico-liberal ou um liberal anglo-católico.

Algum tempo atrás a Diocese Anglicana do Recife publicou um livro escrito por um teólogo anglicano evangélico.⁶ Nesse texto, o tratamento dispensado à corrente liberal no anglicanismo foi extremamente depreciativo e ofensivo. O autor afirmou, por exemplo, que muitos liberais manifestam “um ar de superioridade, arrogância, menosprezo pelas demais correntes, intolerância e prepotência” (p.116). Essas acusações, porém, devem ser dirigidas a pessoas e casos particulares, mas não a uma corrente de pensamento teológico, pois atitudes acima estão presentes em pessoas de todas as correntes teológicas. Muitos evangélicos também se mostram intolerantes, arrogantes, prepotentes e superiores porque entendem serem eles os únicos e legítimos pregadores do “Evangelho integral”, enquanto todos os demais pregam um Evangelho parcial e mutilado. Espero que um dia os evangélicos que dizem tais coisas mudem esse discurso porque eu, particularmente, não me considero pregador de um evangelho parcial.

O problema dos preconceitos nas rotulações também pode ser visto na definição de “evangélico” dada pelo autor do livro acima mencionado. Citando R. Croucher, ele definiu um evangélico como “alguém que passou pela experiência do novo nascimento, aceita Jesus como seu Salvador pessoal, crê nas escrituras como a autoridade para todas as doutrinas e se sente desafiado a divulgar sua fé” (pp. 88-89). Aparentemente, nada de errado com a definição. A questão é que muitos que não pertencem à corrente evangélica não encontraríamos qualquer problema em subscrever a definição acima. Ou seja, embora eu não faça parte do grupo “evangélico”, também passei pela experiência do novo nascimento em meu batismo; também aceito a Jesus como meu Salvador pessoal; também creio nas escrituras e defendo sua autoridade e, além disso, sinto-me constantemente desafiado a divulgar minha fé. Apresentar a definição acima e associá-la única e exclusivamente à corrente evangélica é um artifício ideológico que exclui todos os não-evangélicos dos pressupostos acima declarados. Ou seja, abre o precedente de dizer que os anglo-católicos e liberais não são nascidos de novo, não aceitam a Jesus como Salvador nem respeitam a autoridade das escrituras. Trata-se, portanto, de uma definição imprecisa. Parodiando o apóstolo Paulo, eu diria: “são nascidos de novo? Eu também! Aceitam a Jesus como seu salvador pessoal? Eu também! Crêem na autoridade das escrituras? Eu também! Sentem-se desafiados a divulgar sua fé? Eu também!”

A opção liberal é importante para a vida da Igreja, especialmente em nossa Comunhão Anglicana que se caracteriza pela abertura e inclusividade. Na Igreja Anglicana a opção liberal tem sido, ao longo dos anos, fonte de criatividade e renovação e tem funcionado como consciência crítica e auto-crítica da instituição, da tradição e do tradicionalismo na hermenêutica bíblica e na organização eclesial. Foram teólogos liberais que incentivaram a Igreja a reconhecer o ministério feminino

⁶ AQUINO, Jorge. *Anglicanismo – uma introdução*. Recife, 2000.



Centro de Estudos Anglicanos



ordenado, a estender a plena participação eucarística às crianças e que hoje defendem os direitos homossexuais. Essas e outras iniciativas, e uma ousada articulação entre Bíblia, teologia e ética são o maior legado do liberalismo à Comunhão Anglicana.